

A indicação do *Viscum album* para tratar o câncer Os fundamentos antroposóficos do tratamento do câncer com medicamentos elaborados a partir do *Viscum album*

*The indication of mistletoe (Viscum album) for cancer
The anthroposophic foundations of cancer treatment with medicines made from Viscum album*

Bernardo Kaliks¹

¹Médico antroposófico

Endereço para
correspondência:
bekaele@uol.com.br

Palavras-chave: Medicina
antroposófica; *Viscum album*;
tratamento do câncer.

Key words: Anthroposophic
medicine; mistletoe; *Viscum
album*; cancer treatment.

RESUMO

No presente trabalho se faz uma exposição dos conceitos básicos sobre o câncer e seu tratamento na medicina antroposófica. Apresenta-se como conceito básico sobre a doença o fato de existir em algum local do organismo uma 'rebelião' de forças próprias do corpo físico contra a ação da organização etérica. Também se faz uma apresentação do câncer como uma doença própria da época. A seguir, o autor compara fenômenos próprios das neoplasias malignas com fenômenos ligados à planta *Viscum album*, mostrando uma singular convergência fenomenológica entre processos tão distantes entre si, destacando entre eles a tendência contrária do *Viscum* em relação com o movimento natural da flora terrestre dentro da sequência das estações do ano e sua expressão até em importantes aspectos bioquímicos desta planta. Para a própria ação antineoplásica do *Viscum*, menciona-se a importância da árvore hospedeira na qual ele se desenvolve e que será determinante na escolha do preparado em relação com a neoplasia maligna respectiva. Finalmente, são mencionados três aspectos sublinhados por Rudolf Steiner para a elaboração farmacêutica do medicamento a partir desta planta e que ainda não foram processados na elaboração dele.

ABSTRACT

*This paper presents the basic concepts about cancer and its treatment by anthroposophic medicine. The 'rebellion' of physical body's forces against the action of the etheric organization is presented as a basic cancer concept. Cancer is assumed to be a disease of the epoch. Then, the author compares the specific phenomena of malignant neoplasms with the phenomena linked to the mistletoe (*Viscum album*), showing a singular phenomenological convergence between processes so distant from each other, highlighting among them the mistletoe contrary tendency in relation to the natural movement of the terrestrial flora within the sequence of the seasons and its expression even in important biochemical aspects of this plant. About the antineoplastic action of mistletoe, it is mentioned the importance of the host tree, that will be determinant in the choice of preparation in relation to the respective malignant neoplasm. Finally, three aspects are cited, which were emphasized by Rudolf Steiner for the pharmaceutical mistletoe preparation, but they haven't been processed in its elaboration yet.*

Uso na medicina antroposófica de medicamentos elaborados a partir da planta *Viscum album* para o tratamento do câncer representa um capítulo extraordinariamente singular no contexto desta medicina e da antroposofia. Rudolf Steiner mencionou esta planta pela primeira vez em 1904, quer dizer, muito cedo no início do movimento antroposófico, e o fez dentro do contexto mitológico da história de povos do norte da Europa.¹ Posteriormente, a partir de uma conversação de Rudolf Steiner com uma naturopata em 1908, apareceram os primeiros medicamentos preparados com extratos de *Viscum album* para uso oral para tratar o câncer.¹ No final de 1916, Steiner tratou em duas palestras em Zurique (Suíça), e pela primeira vez, de aspectos essenciais do *Viscum album* do ponto de vista de suas propriedades terapêuticas e nessas palestras ele fez também considerações sobre o câncer.¹ Muito possivelmente imediatamente após estas palestras, Ita Wegman, que tinha estudado medicina em Zurique entre 1905 e 1912, especializando-se depois em ginecologia, falou com Steiner sobre o tratamento do câncer e aí ele indicou a necessidade de que o preparado de *Viscum* fosse injetável, que atuasse diretamente no sistema circulatório.¹ E em 1917, ano em que ela fundou sua própria clínica nessa cidade, Ita Wegman, com a ajuda de um farmacêutico de Zurique, preparou os primeiros injetáveis à base desta planta para tratar pacientes com câncer,¹ tomando desde o início a pesquisa e o tratamento do câncer um capítulo muito importante da medicina antroposófica. E desde o começo Ita Wegman teve resultados muito positivos com este tratamento, de tal maneira que quando Steiner deu seu primeiro curso para médicos,² ela pôde apresentar durante esse curso uma convincente casuística, com numerosos casos de câncer, tratados com este medicamento que em 1918 já era conhecido com o nome de Iscar.³

Em janeiro de 1920, Steiner falou numa palestra pública na Basileia (Suíça) sobre 'Os fundamentos científico-espirituais da saúde corporal e anímica'.¹ Nessa palestra ele expôs a importância de falar também para um grupo de médicos sobre a contribuição que a ciência espiritual pode proporcionar para a medicina. Entre os presentes estava o químico e farmacêutico Oskar Schmiedel, que pouco tempo depois fundaria o primeiro laboratório para a produção de medicamentos antroposóficos, e ele tomou a iniciativa de organizar esse primeiro curso para médicos e estudantes de medicina.¹ E em 1920, no curso acima mencionado, que deve ser considerado como o início da medicina antroposófica, Steiner expôs pela primeira vez os fundamentos antroposóficos para o uso desta planta no tratamento do câncer. Em cursos ulteriores ele complementararia ainda com diversos pontos de vista as colocações formuladas neste curso fundamental.

A concepção do câncer do ponto de vista da medicina antroposófica

Rudolf Steiner colocou neste curso, como um fenômeno básico a ser considerado na compreensão desta doença, a polaridade entre o princípio biológico da célula e o princípio biológico do organismo, entendendo este último como o princípio da forma, aquilo que diferencia e dá estrutura a um organismo como um todo e nas suas

partes. Segundo esta concepção, a célula representa uma condição biológica que permanentemente tem a tendência de se subtrair da condição diferenciada em que forma parte de todas as estruturas do organismo humano; ela procura permanentemente recuperar uma potencialidade reprodutiva e de crescimento que necessariamente perde como célula especificamente diferenciada. Célula e organismo representam assim dois princípios permanentemente antagônicos e o princípio do organismo, que é o princípio da forma, deve lutar e submeter o princípio da célula desde a concepção até a morte do organismo, do contrário o princípio da célula pode proliferar indefinidamente, sem respeitar diferenciação alguma. E no câncer devemos ver então que em alguma região do organismo o princípio da célula consegue se subtrair do domínio da forma, a célula recupera sua potencialidade original, uma condição eminentemente embrionária, e se multiplica totalmente desvinculada do princípio do organismo: forma-se assim um tumor nessa região, uma estrutura que parece um corpo estranho, totalmente dissociada da totalidade representada pelo organismo.²

Vinculada com esta caracterização devemos ver outra, também fundamental, para entender o câncer. Segundo a medicina antroposófica, esta doença está vinculada com a aparição de uma rebelião de forças físicas contra a organização etérica do organismo, de tal maneira que em alguma região do corpo físico, onde se faz valer essa rebelião ou resistência, a organização etérica não consegue permear esta região, e a organização física então faz valer suas próprias regularidades.

Certos processos do corpo físico se rebelam contra a atividade do corpo etérico e para essa região do corpo físico o corpo etérico não é mais ativo. [O câncer] representa uma revolução de certas forças físicas contra as forças do corpo etérico.⁴

Podemos entender aqui que essa dissociação do princípio da célula, mencionada acima, deve estar vinculada com este fenômeno. Mas, isto por sua vez está vinculado a uma situação ainda mais complexa que Rudolf Steiner tratou inicialmente dentro do contexto da polaridade da inflamação e o tumor e que aqui só podemos mencionar.

O leitor deve ter claro que para a pesquisa antroposófica o desenvolvimento do ser humano, tanto no nível biológico como no nível anímico-espiritual, está sempre vinculado à superação de tendências que processadas em si próprias representariam patologias para o organismo humano. Sem a superação dessas tendências, que sempre devem estar presentes, o ser humano não desenvolveria os seus processos fisiológicos nem anímico-espirituais. Assim, por exemplo, sem a superação da tendência para a inflamação o organismo humano não desenvolveria um órgão da visão nem a capacidade para tal. E sem a superação da tendência para formar um tumor ele não desenvolveria o órgão auditivo nem a capacidade funcional respectiva.² Infelizmente não podemos examinar este assunto dentro do contexto desta contribuição. Pode espantar inicialmente a relação que se faz aqui, a partir da antroposofia, entre o processo inflamatório por um lado e a formação do olho e a visão

pelo outro, e a relação entre o processo de um tumor por um lado e a formação do órgão auditivo e a audição pelo outro. Vejamos pelo menos o que a pesquisa antroposófica relata vinculado com este aspecto da audição: com toda percepção auditiva, simultaneamente com ela, forma-se dentro do corpo físico uma estrutura muito fina, um retículo físico (um arcabouço físico) que surge com a reverberação que esse corpo físico experimenta perante cada percepção auditiva; esta pesquisa descreve que esse retículo tende naturalmente a proliferar internamente; em verdade ele representa um corpo estranho dentro do organismo físico e deve então ser impregnado durante a vigília pelo eu e deve ser dissolvido quando o organismo entra no estado do sono, ao se afastar o eu do corpo no estado de sono. Às vezes o eu pode chegar a 'cintilar' para fora desse retículo durante a vigília, sem se desvincular dele, e nesse caso isso pode se manifestar em alguns transtornos, para o lado psicológico como hipocondria e para o lado orgânico como constipação. Com o sono, o eu se afasta desse arcabouço, que, então, dissolver-se-á se foi permeado corretamente pelo eu durante a vigília; mas se isso não aconteceu, ficarão destroços desse retículo físico, ligados com o eu, que não se dissolverão e que se constituirão no corpo físico naqueles focos físicos que fazem essa resistência mencionada acima à permeação pela organização etérica do corpo humano.²

Possivelmente com este fenômeno está vinculado o ponto de vista predominante no discurso antroposófico sobre o câncer: aquele que caracteriza esta doença como um órgão sensorial deslocado.³ Trata-se de uma caracterização que inicialmente provoca estranhamento. Mas por trás dela está o seguinte: a trímembração do organismo humano é determinada pelo fato de que os quatro membros essenciais da entidade humana se articulam entre si de três formas diferentes, determinando três grandes agrupações funcionais no nosso organismo: o sistema neurosensorial, o sistema rítmico e o sistema metabólico e das extremidades. A natureza funcional do sistema neurosensorial está determinada pelo fato que a organização suprassensível está amplamente afastada do corpo físico nessa região: eu, organização astral e organização etérica estão afastados do físico. Este afastamento se torna ainda mais intenso na configuração dos órgãos dos sentidos. Toda a fisiologia do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos deve ser entendida deste ponto de vista. A característica fisiológica do sistema metabólico e das extremidades está determinada por uma relação completamente diferente entre esses membros: aqui o corpo físico, a organização etérica e a organização astral estão intimamente permeados entre si. Toda a fisiologia do sistema metabólico e das extremidades deve ser entendida a partir desta situação. Agora, quando numa região do sistema metabólico e das extremidades surge entre os membros essenciais uma relação recíproca que é própria do sistema neurosensorial, falamos que há um 'órgão sensorial deslocado'. Pelo que vimos mais acima, a pesquisa antroposófica identifica esta organização sensorial deslocada, funcionalmente, com um ouvido. E novamente temos aqui de outro ângulo a dissociação entre o corpo físico e a organização etérica, mencionada mais acima, dissociação que em verdade envolve toda a organização suprassensível.

Poder-se-ia interpretar os fenômenos descritos até agora que eles se processam num nível que se subtrai totalmente a uma percepção sensorial.

De qualquer maneira surge uma natureza estranha, uma latência explosiva que, certamente, é profundamente inconsciente e se fecha perante as nossas possibilidades diagnósticas, pelo menos no plano da experiência sensorial.⁴

Para que estes fenômenos entrem num processamento detectável fisicamente, deve acontecer ainda uma nova mudança na relação entre a organização etérica e o corpo físico. A dissociação descrita anteriormente se transforma: a organização etérica, deslocada de alguma região física no sistema metabólico e das extremidades, concentra-se agora em torno desta, domina o plano físico nessa região e a organização física assim dominada pela etérica se 'sustenta' e se 'alimenta' dessa hipertrofia vital; imediatamente isso afetará o organismo como um todo e teremos, fora da aparição de um tumor, as manifestações sistêmicas de uma neoplasia maligna. Rudolf Steiner diz:

Neste local do corpo etérico predominante, o organismo humano aparece intensamente submetido às forças centrífugas no cosmos. Estas agem no corpo etérico. Elas não estão em equilíbrio com as forças centrípetas do corpo físico. E o que se desenvolve não pode mais ser dominado pelo corpo astral.⁵

E ele agrega que nesta situação estão envolvidos processos ligados ao ácido silícico:

Nesta situação nós nos encontramos simultaneamente perante o domínio do processo do ácido silícico, perante um não domínio do processo do ácido silícico através da organização do eu. Algo assim percebemos sempre na formação do tumor. Desta forma, abre-se o caminho para um conhecimento verdadeiro dos processos do câncer. Não se compreenderá o câncer enquanto não se souber que se trata de um domínio do corpo etérico que não é rejeitado, não é dissolvido através da ação correspondente do corpo astral, da organização do eu.⁵

Estas descrições parecem fechar em certo modo esta concepção antroposófica do câncer. Mas, há outros aspectos que merecem ser citados nestas considerações. Um deles, muito importante de um ponto de vista prático para o tratamento desta doença, diz o seguinte:

O ser humano se torna exageradamente terra enquanto leva o tumor em si, ele forma exageradamente as forças da terra em si. A estas forças exageradas da terra devem se opor àquelas forças que correspondiam a um estado da terra no qual o reino mineral e a terra atual não existiam. Por essa razão, com base na pesquisa antroposófica nós elaboramos um medicamento para o câncer a partir de um determinado preparado de *Viscum*.⁵

Se numa região do corpo físico surge uma resistência à permeação pela organização etérica, o corpo fica mais exposto às forças da terra, à gravidade. Este é um aspecto de considerável importância na medicina antroposófica para abordar o paciente de câncer tanto organicamente como psicologicamente. E com este aspecto, parece-me, está ligada outra descrição na qual Steiner afirma que “o predomínio da inspiração sobre a expiração leva no organismo humano ao câncer”,⁴ possivelmente porque esse predomínio torna exageradamente terrestre a organização humana.

Também outro aspecto principal deve ser mencionado aqui. Trata-se daquele que considera o câncer como uma doença da nossa época, esta época que a antroposofia caracteriza como a época da alma da consciência e na qual o ser humano devia conquistar lentamente a consciência de si próprio como uma entidade não apenas física, mas também espiritual. Evidentemente aqui estamos num campo muito importante para a antroposofia.⁴ Característica central desta época é o fato do ser humano carecer de certezas e de referenciais absolutos que lhe permitam agir de uma maneira que ele reconheça como totalmente coerente com alguma realidade. Justamente na época da alma da consciência o ser humano se sentirá mais e mais como pisando numa areia movediça, e não se trata de endurecer essa areia para se sentir seguro e em equilíbrio, porém se trata de tentar conservar algum equilíbrio apesar dela ser movediça. É nesse esforço que o ser humano desenvolverá aquela capacidade que chamamos de alma da consciência e pela qual a experiência do eu, no esforço por sobreviver nesse desequilíbrio, tornar-se-á mais e mais real até atingir um ponto no qual as primeiras experiências de si próprio também como espírito se assomarão no horizonte da consciência das pessoas.

Ai a pessoa descobre a necessidade de libertar a alma no próprio pensar através da superação da tendência a se submeter a uma autoridade e através do esforço de ampliar a capacidade própria de julgamento; descobre a necessidade de libertar os sentimentos da sua dependência de simpatia e antipatia, e descobre a necessidade de superar no seu querer a dependência dos laços com a terra intensificando as forças do coração, com o qual o homem conquista o verdadeiro sentido da sua existência.⁶

A lenda nórdica que menciona o *Viscum* descreve que com esta planta as forças das trevas fizeram uma flecha para matar o deus da luz, naquela época vinculado a um tipo de clarividência natural. Com a sua morte, a humanidade entra assim no ocaso da percepção do suprassensível e finalmente se submerge dentro do mundo puramente material, onde ela, agora cega ao espírito, tenta e deve aprender a se orientar mais e mais dentro da matéria, fortalecendo com isso a força do eu. Mas o resgate do eu só pode acontecer, como foi mencionado acima, elevando-se gradualmente à percepção de si próprio também como espírito. A repressão desse processo está vinculada com a ten-

dência da nossa época ao câncer, por se tornar exageradamente terrestre, que acontece nela, e é justamente o *Viscum album*, caracterizado na antroposofia como o medicamento específico para o câncer, quem deve ajudar o ser humano a combater essa tendência a esta doença.⁴

Essa incapacidade de se sustentar na alma da consciência com certeza pode estar vinculada também com o fato de não ter acontecido a metamorfose das forças formativas etéricas em capacidades anímico-espirituais no momento certo da vida da pessoa (como devia acontecer principalmente na época da troca dos dentes), ficando essas forças anormalmente ligadas ao corpo físico e gerando uma anormalidade funcional que pode mais tarde colaborar na formação de um tumor maligno.⁷

Neste contexto, há frequentemente diversos aspectos psicológicos no paciente com câncer que devem ser cuidadosamente examinados no tratamento global da doença. A psicossomática do câncer está muito desenvolvida e o enfoque dessas manifestações do ponto de vista do desenvolvimento da alma da consciência é de uma grande ajuda para compensar essa tendência de se tornar excessivamente terrestre mencionada mais acima, em primeiro lugar para o lado suprassensível do paciente, e depois para o lado do próprio corpo físico.

Talvez com todo este contexto se torne mais clara uma caracterização do câncer dada pela antroposofia, formulada por Rudolf Steiner para os participantes do curso ‘Ciência espiritual e medicina’² e que aponta para um profundo aspecto constitucional desta doença. A formação dos ossos, do esqueleto, é básica para a sustentação da forma humana na Terra. Ela acontece no espaço de um fenômeno fisiológico que sempre deve fazer parte da constituição humana e que representa simultaneamente uma tendência para a esclerose. Este fenômeno pode, obviamente, tornar-se patológico quando se exagera. Agora, esta tendência fisiológica se processa como resposta polar a um fenômeno pré-concepcional: a expansão da organização suprassensível do ser humano no cosmos espiritual. Se este fenômeno pré-concepcional se exagera, a resposta polar aqui na Terra será justamente uma tendência exagerada para uma ossificação/esclerose, o que tornará a organização física ‘demasiado terrestre’, abrindo assim as portas à possibilidade do desenvolvimento de um câncer.

***Viscum album*, o ‘específico para o câncer’**

Algumas palavras sobre a identificação botânica do *Viscum* podem ser úteis. *Viscum album* é uma planta semiparasita (simbiótica) da divisão das espermatófitas, subdivisão angiospermas, da classe das dicotiledóneas e da ordem santalales. Esta ordem é dividida em diversas famílias entre as quais se encontram as viscáceas e as lorantáceas. Até os anos 1990, as viscáceas eram consideradas como uma subfamília das lorantáceas, porém uma revisão separou as primeiras como uma família própria. As viscáceas constam com aproximadamente 1.200 espécies distribuídas por todas as latitudes. Entre elas existem então muitas espécies e uma delas é representada pelo *Viscum album*.⁸ Uma característica comum de todos os viscos é que dependem

de uma planta hospedeira para receber água e substâncias minerais, mas eles também recebem substâncias orgânicas: uma porcentagem bastante elevada dos carboidratos e aminoácidos do *Viscum album*, entre 23% e 43%, vem da árvore hospedeira.⁹ Estes viscos carecem então dos órgãos para se ligarem diretamente com a terra: são plantas de flores, mas sem raízes.

A literatura sobre *Viscum album*, uma espécie que existe especialmente em Europa, porém se a encontra até na Ásia e o norte da África,³ é atualmente enorme e aqui podemos apresentar apenas algumas características, selecionadas pelo autor, que podem permitir entender a curiosa relação que esta planta tem com o câncer.

Trata-se então de uma planta que não cresce diretamente na terra, mas em meio da copa de árvores, num ambiente totalmente aeriforme. Como a planta carece de raízes, para o seu desenvolvimento depende da árvore na qual cresce, em cujos galhos ela penetra através de pseudorraízes (haustório) até atingir o câmbio, onde entrará em contato com a água do hospedeiro. Há outras plantas que crescem em árvores, as orquídeas são um bom exemplo, mas elas têm raízes. Do lado contrário, na região onde se encontram as flores, esta planta desenvolve órgãos extraordinariamente precários, reduzidos a um mínimo: “elas dão a impressão de ter ficado no seu desenvolvimento a meio caminho”.¹⁰ A planta feminina forma suas flores que consistem apenas de quatro ‘escamas’ grudadas entre si, não são verdadeiras pétalas; e as masculinas também têm essas quatro ‘escamas’, com as câmaras do pólen grudadas a elas. As flores carecem de sépalas. Não há ovários nem verdadeiras sementes: os embriões ficam livres no tecido do caule. Na polpa do fruto há uma substância pegajosa (‘viscosa’) que faz que os núcleos desses frutos fiquem grudados assim nas árvores onde eles caem.¹⁰ Se esses embriões caem diretamente na terra eles não germinarão e morrerão.

Assim como para esses extremos, o extremo radicular e o floral, a planta mostra uma redução considerável da sua organização também na sua região média; aqui o *Viscum album* mostra características que são notavelmente diferentes do que acontece em outras plantas: ele forma com seus galhos e folhas uma espécie de arbusto de forma arredondada ou ovalada, forma que com a idade da planta se intensifica e que, no inverno, em árvores de folhas caducas, são percebidos de longe em meio da árvore nua. Essas folhas, com distribuição oposta cruzada, têm uma estrutura eminentemente primitiva ou embrionária; elas parecem cotilédones: a diferenciação entre sua superfície superior, exposta à absorção de luz, intensamente verde, e uma superfície inferior, relacionada principalmente com a respiração, bem mais pálida, não existe nos cotilédones nem nesta planta. É importante sublinhar que estas folhas e a planta toda, desde o haustório até as flores e os embriões no interior dos frutos, com exceção dos frutos em si, são sempre verdes, e quando suas folhas caem elas estão de cor verde, sem ficar amareladas.¹¹

Agora é necessário examinar o desenvolvimento desta planta do ponto de vista temporal. A planta não acompanha

o ritmo ‘normal’ da vegetação através das estações do ano. Na época da primavera ocorre a brotação de folhas, em geral dois pares apenas sobre cada terminação. As flores, que começam a se desenvolver no inverno e surgem na primavera nos espécimes masculinos e femininos, são discretas, esverdeadas. Posteriormente desenvolvem-se lentamente as bagas, que amadurecem somente no inverno seguinte. As bagas brancas, translúcidas, brilham entre as folhas verdes da planta no ambiente gelado e nevado. Em vez de sementes, carregam em seu interior o embrião de uma nova planta, que se desenvolve assim que encontra o substrato de uma hospedeira adequada. As bagas representam um rico alimento para algumas aves, numa época de escassez, quando o embrião passa incólume pelo seu trato digestivo. A planta só se difunde através de pássaros. Um deles ingere nos meses de inverno as bagas maduras e as excreta sem digerir, podendo ficar grudadas num galho através da substância viscosa da baga; outro tipo de pássaro ingere a baga e o núcleo que sobra fica grudado no bico e assim pode se aderir num galho da árvore.¹² A germinação do embrião da planta acontece muito rápido; o típico repouso de uma semente não existe aqui.¹³ Do embrião grudado num galho emerge um pequeno caule de cor verde, o hipocótilo, o qual, após de crescer alguns milímetros, dirige-se à casca do galho procurando um contato estreito com ela. A base do hipocótilo se expande formando um disco aderente de cujo centro surge uma seta, um tecido pontudo que se constitui no haustório primário do *Viscum*, o qual penetra no tecido da casca da árvore num processo que é mediado por atividade enzimática. Às vezes essa penetração pode ser muito demorada, dependendo da dureza da casca e da árvore e durante esse período o embrião verde fica aparentemente idêntico. No segundo ano, levanta-se por cima dos cotilédones, que já estavam dispostos no embrião dentro do fruto, um pequeno caule junto com duas pequenas folhas que crescem e se expandem. Já no terceiro ano, levanta-se para cima um caule, entre as duas folhas opostas do ano anterior, no final do qual aparecem novamente duas folhas opostas. O mesmo acontece no ano seguinte, quer dizer, tudo isto é muito lento, o que mostra a intensa repressão que há no desenvolvimento do broto vegetativo da planta. Mas, frequentemente, este novo broto é acompanhado por caules novos nascidos dos ângulos das folhas mais velhas. Assim a planta começa a se ramificar a partir do quarto ano, aproximadamente. A rama do broto principal, a partir do quarto ou quinto ano é tomada pelo impulso floral, aí temos então a expressão do broto generativo da planta: porém a disposição do broto generativo em si não acontece ulteriormente à do broto vegetativo, mas está desde o início predisposto na planta, simultaneamente com o broto vegetativo,⁸ algo totalmente fora do comum no reino vegetal. No quinto ano, com o amadurecimento das flores, acontece então um fenômeno extraordinário, desconhecido em outras espécies de plantas: trata-se de movimentos de reorientação e afastamento perante a luz e a gravidade, perante a leveza e o peso; são movimentos pendulares (de nutação) que

levam os diferentes brotos da planta a se reorientarem centrifugamente em todas as direções do espaço; como resultado surge a característica forma esférica do arbusto do *Viscum*. Este fenômeno mostra claramente como a planta se emancipa totalmente do espaço tridimensional, aquele espaço que é dimensionado entre a gravidade terrestre e o Sol. É muito importante ter presente que no início do seu desenvolvimento esta planta se desenvolve completamente dentro do espaço terrestre, no espaço do eixo terra-céu, ou Terra-Sol: nesse momento ela cresce para acima, como qualquer planta. O fenômeno descrito da pendulação mostra então que ao atingir a sua maturidade ela recua, entra numa 'involução', ou numa 'regressão',⁹ e com isso constitui-se o arbusto na sua forma esférica. Também o crescimento do haustório no interior dos galhos do hospedeiro segue o crescimento desses galhos: não no eixo terra-céu, mas periféricamente, centrifugamente, se afastando do tronco da árvore.

O *Viscum album* e sua árvore hospedeira

Desde o início das suas indicações para tratar o câncer com preparados de *Viscum album*, Rudolf Steiner chamou a atenção para a importância que tinha a árvore hospedeira no efeito do medicamento. Não é a mesma coisa usar um extrato da planta retirado de um *Viscum* que cresce em árvores de folhas caducas (por exemplo, a macieira) ou um extrato retirado de um *Viscum* que cresce em árvores de folhas perenes (por exemplo, o pinheiro). A relação do *Viscum* com a árvore hospedeira é de extraordinária importância para a planta, sem ela chegar a parasitar a árvore, sem a destruir. Parece necessário citar isto nas próprias palavras de Steiner:

A árvore que está diretamente plantada na terra elabora em si as forças tomadas da terra. O *Viscum* que cresce na árvore elabora aquilo que dá a ele a árvore, ele usa por assim dizer a árvore como terra. Ele produz por assim dizer artificialmente aquilo que nas dilatações que aparecem naturalmente nas árvores representa uma hipertrofia da organização etérica, quando isso não acontece na presença do *Viscum*. O *Viscum* tira da árvore aquilo que ele dá quando tem muito pouca matéria física, quando o etérico nele se hipertrofia. Um elemento etérico hipertrofiado passa da árvore para o *Viscum*. Isto, olhado interiormente – com o *Viscum* elaborado na forma correspondente de tal maneira que realmente possa transmitir para a pessoa o etérico subtraído da árvore – nos diz: o *Viscum* assume como substância exterior aquilo que é o etérico hipertrofiado no câncer, e fortalece com isso, pelo fato que rejeita a substância física, o efeito do corpo astral e leva com isso o tumor do câncer a se desmornar, a se desintegrar. De maneira que quando introduzimos a substância do éter da árvore no ser humano, realmente levamos a substância do éter da árvore por meio da transmissão através do *Viscum* para a pessoa, isso age fortalecendo o corpo astral dela.⁵

No seu notável trabalho sobre o *Viscum album*, Suchantke descreve para o mundo das árvores uma propriedade pela qual "na manifestação da árvore o mundo vegetal cresce acima de si próprio e toma sem dúvidas características individuais".⁹ Árvores notáveis sempre representaram algo de ordem superior nas mais diversas culturas: nelas o elemento etérico se tornava a expressão de algo espiritual, de uma ordem superior, equivalente àquilo que nós caracterizamos como o eu para o ser humano. Aí esse elemento do eu se expressa através do etérico da árvore, domina esse elemento da vida, e o mesmo devemos esperar que o *Viscum* intermedie para o ser humano quando escolhemos um extrato de uma planta tomada desta ou aquela árvore. Atualmente há na medicina antroposófica uma intensa pesquisa sobre a árvore a ser selecionada quando se escolhem preparados de *Viscum*, e esse conhecimento deverá se tornar certamente um fator essencial para uma oncologia antroposófica.¹⁴

Viscum album e sua combinação com metais

Aqui é necessário lembrar que, da mesma maneira como Steiner recomendou usar os preparados do *Viscum album* de acordo com a árvore hospedeira, também recomendou associar ao preparado da planta um metal de maneira a fortalecer o efeito do medicamento sobre neoplasias específicas. Esta recomendação, porém, não foi muito longe na prática e atualmente só há um laboratório que elabora o metal no preparado do *Viscum*, em coerência com a árvore hospedeira. Na formulação de Steiner:

Então se tratará que se atue de forma específica sobre os diversos órgãos de acordo com o local onde o *Viscum* cresce, se o faz nesta ou naquela árvore. Mas outra coisa importante é conseguir um medicamento que consista numa interação entre a substância viscosa da planta e certas substâncias metálicas, substâncias metálicas que certamente podem ser conseguidas através do conteúdo metálico de outras plantas. Mas na relação, digamos, por exemplo, do *Viscum* da macieira e sua trituração com sais de prata resultaria algo que pode ajudar em grande medida contra os cânceres ginecológicos.²

Viscum e câncer

Viscum album é uma planta que mostra uma grande emancipação tanto espacial como temporal. Alguns exemplos desta emancipação espacial foram mostrados aqui. Em primeiro lugar ela está vinculada com a conservação de características tipicamente embrionárias: as flores parecem estruturas que ficaram na metade do caminho, não formando pétalas nem sépalas, as folhas têm a aparência de cotilédones e não envelhecem, e carecem de raízes, de tal maneira que elas não são capazes de se ligar com a terra e vivem graças a que encontram seu solo crescendo em árvores. O fato de que sua sobrevivência depende de que seus frutos sejam ingeridos por aves, também tem a ver com esta falta de ligação com a terra.

A planta inteira é verde, quer dizer, forma clorofila desde o

haustório, aquela estrutura profundamente inserida na árvore onde cresce, até nos embriões, aquelas estruturas que seriam como as sementes, porém carecem da casca de uma semente ficando submergidas nuas na polpa das bagas brancas, que representam os frutos da planta.

A típica polarização do mundo vegetal entre o geotropismo e o heliotropismo é abandonada por esta planta: vimos isso nos movimentos pendulares dos próprios galhos do *Viscum* que depois desses movimentos pendulares de crescimento se ordenam numa estrutura esférica que nada tem a ver com a polaridade mencionada, e vimos isso também no crescimento dos haustórios.

Agora, do ponto de vista temporal esta planta mostra também essa emancipação:

Enquanto as plantas superiores mostram no inverno um desenvolvimento reduzido e no verão ele é acelerado, o *Viscum* não mostra isso: no inverno não perde as suas folhas nem passa por um repouso das sementes (na conservação na escuridão estas sementes perdem rapidamente a capacidade de germinar); sua época de floração é o inverno. No verão também é diferente; após dos movimentos pendulares dos brotos jovens, não acontece a formação de novas folhas, a planta entra num estado de repouso, como o repouso de uma semente. Por isto, Scheffler fala de uma conduta anticíclica dupla segundo a qual o *Viscum* mostra uma configuração de desenvolvimento heterócrona [...] com um começo antecipado do seu desenvolvimento, uma diferenciação reprimida e um desenvolvimento final atrasado, com esse carácter embrionário em todos seus momentos.¹⁵

A clara emancipação que mostra o *Viscum album* perante o organismo 'terra' revela um paralelismo notável com a relação que demonstra o tumor maligno com o organismo no qual se desenvolve, porém, com uma notável diferença: esta planta não leva à destruição da sua árvore hospedeira.

Em relação com o câncer, temos que as células e os tecidos neoplásicos têm características típicas que *per si* não são patológicas, que são fisiológicas durante o desenvolvimento embrionário, porém durante esse desenvolvimento embrionário estão cuidadosamente reguladas e acertadas reciprocamente: proliferação, migração, invasão, neoformação de vasos sanguíneos, diferenciação ausente ou muito pequena, síntese de proteínas fetais, imortalidade potencial, aparição de um tecido 'estranho' imunologicamente tolerado etc.

Com isto de fundo, pode-se caracterizar o perfil do desenvolvimento da célula cancerosa e do tecido neoplásico da maneira seguinte:

Eles mostram um desenvolvimento antecipado (antes de ser necessária uma regeneração de tecidos), têm um desenvolvimento reprimido (não acontece uma diferenciação celular), têm um ritmo próprio (emancipado perante os ritmos dos tecidos não malignos) e uma morte retardada (imortalidade potencial).¹⁵

Estes fenômenos nos permitem perceber o paralelismo entre esta doença e esta planta.

Viscum album como fonte do medicamento para tratar o câncer

Apesar dos médicos antroposóficos da primeira geração terem estado familiarizados com o fato de que, para uma substância da natureza poder ser utilizada como um medicamento, ela devia primeiro ser submetida a determinados procedimentos farmacêuticos (dos quais o processo da dinamização era apenas um deles, e herdado ainda da medicina homeopática), seguramente não se esperava que para fazer do *Viscum album* um medicamento para tratar o câncer, Rudolf Steiner apelaria a recursos farmacêutico-tecnológicos que na sua época ainda não eram plenamente realizáveis. Basicamente, tratava-se de colher a planta no verão e no inverno, produzir um extrato de cada fração e de misturar as duas frações através de um procedimento especial: através de um aparelho que faz gotejar o extrato do verão sobre o extrato do inverno o qual se encontrava num disco horizontal que devia girar à velocidade de dez mil revoluções por minuto. As primeiras indicações para a elaboração com uma máquina foram dadas no outono de 1920 e já nelas consta que o disco devia ter o diâmetro aproximado de um metro e a velocidade de rotação devia ser de dez mil por minuto (eventualmente 15 mil por minuto).³ De início, não havia a tecnologia para se conseguir isto. Uma máquina assim só entrou em funcionamento no ano 1972.

Também é importante destacar que dentro deste desenvolvimento, a leitura das indicações deixadas por Steiner não era sistematicamente unânime entre os diversos grupos que foram se formando com o tempo na medicina antroposófica em torno do trabalho com pacientes de câncer. Assim, há atualmente na medicina antroposófica cinco preparados que apenas mencionarei: Iscador (Iscador AG, Arlesheim, Suíça), Helixor (Helixor Heilmittel GmbH, Rosenfeld, Alemanha), abnobaVISCUM (Abnoba GmbH, Pforzheim, Alemanha), Iscucin (WALA Heilmittel GmbH, Bad Boll, Alemanha) e Isorel (Novipharm GmbH, Pörschach, Áustria). O que me parece muito importante neste desenvolvimento são os estudos farmacológicos, pré-clínicos e clínicos que foram surgindo nos últimos trinta anos. A citotoxicidade dos preparados de *Viscum album* ficou, tanto *in vitro* como em modelos animais, bem estabelecida desde os anos 1960. Mais tarde se iniciou o estudo das substâncias que constituem esta planta e os achados foram também extraordinários.

Viscum album é uma planta que concentra intensamente substâncias minerais: seu conteúdo de potássio é vinte vezes maior do que na árvore hospedeira e constitui aproximadamente 3% do peso das folhas frescas. Porém, cálcio, magnésio, silício e fósforo também existem em grandes quantidades.¹⁶

A absorção de conteúdos orgânicos do hospedeiro é também bastante elevada, como foi mencionado acima. Entre estas substâncias orgânicas temos os compostos nitrogenados que são acumulados como aminoácidos nesta planta: o *Viscum*

é uma planta rica em compostos nitrogenados; pesquisas nas suas folhas mostram uma concentração seis vezes maior destes compostos do que na árvore hospedeira. Entre estes aminoácidos, a arginina é o mais representativo. E de uma grande importância são os polissacarídeos mucinosos e as resinas viscosas que se encontram neles, graças aos quais o *Viscum* pode se fixar na árvore hospedeira.¹⁶

E assim chegamos a duas substâncias nitrogenadas de extraordinária importância, consideradas por alguns como os eventuais expoentes do efeito antineoplásico da planta: as lectinas e as viscotoxinas. As lectinas têm um efeito citostático lento e as viscotoxinas têm um efeito citolítico rápido. As primeiras se unem a estruturas glicosadas da membrana, penetram na célula e atingem os ribossomos inibindo a síntese de proteínas e levando à morte da célula por um processo de apoptose. As viscotoxinas agem diretamente nas membranas celulares alterando a sua estrutura e provocando a morte celular por necrose. A diferença entre as duas se pode perceber no seu efeito sobre uma suspensão de eritrócitos: as lectinas produzem uma aglutinação, o que representa algo assim como uma cristalização, as viscotoxinas produzem uma hemólise, que representa uma dissolução. Dentro da planta estas duas substâncias se distribuem de forma diferente: as viscotoxinas se concentram principalmente nas folhas, numa concentração três vezes menor nos seus caules e estão ausentes no haustório; o contrário acontece com as lectinas que se concentram decisivamente no haustório, menos nos caules e apenas estão presentes nas folhas. Podemos dizer que as viscotoxinas são mais periféricas, estão mais perto da luz, e as lectinas são mais centrais e se processam na escuridão.¹⁶ E em coerência com isto elas acompanham o ciclo anual de tal maneira que as viscotoxinas atingem a sua maior concentração em junho, no verão (do Hemisfério Norte), e as lectinas atingem a sua máxima concentração em dezembro, no inverno. Este fato por si extraordinário nos ajuda a entender a indicação de Rudolf Steiner de usar um preparado que seja a mistura de uma planta colhida no verão e uma colhida no inverno.¹⁷

Infelizmente aqui não é possível mencionar os estudos sobre a mudança de parâmetros imunológicos e clínicos que se observam especificamente com o tratamento com estes preparados, mas me parece importante terminar esta exposição com o seguinte: há três aspectos mencionados por Rudolf Steiner sobre estes medicamentos que ainda até hoje não foram processados na produção e aplicação destes preparados. Um deles o citarei com as suas próprias palavras:

E se trata especialmente de colocar a substância viscosa, mucosa, do *Viscum album* na relação correta com uma base de trituração e gradualmente levar esta substância para uma elevada potência.²

Justamente não se tem conseguido envolver esta substância viscosa do *Viscum album* na elaboração dos diversos preparados

existentes, principalmente por não ser solúvel em água; atualmente os primeiros passos no estudo e na solução deste problema estão sendo dados. O segundo aspecto tem a ver com essa emancipação no câncer do processo do silício da organização do eu, como um fator central na hipertrofia secundária da nossa organização etérica em torno do tumor, e como um aspecto importante a ser resolvido com o tratamento: desconheço a existência de estudos que abordem especificamente este problema. E finalmente a associação de um metal ao preparado do *Viscum album* é algo que está ainda em aberto.

Declaração de conflitos de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

1. Selg P. Mensch und Mistel. Berlin: Salumed; 2016.
2. Steiner R. Ciência espiritual e medicina [apostilado]. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica [s.d.].
3. Leroi R. Misteltherapie. Eine Antwort auf die Herausforderung Krebs. Stuttgart: Freies Geistesleben; 1987.
4. Fintelmann V, Treichler M. Onkologie auf anthroposophische Grundlage. Frankfurt am Main: Info3; 2014.
5. Steiner R. Anthroposophische Menschenkenntnis und Medizin. GA 319. Dornach: Rudolf Steiner Verlag; 1971.
6. Walter H. Der Krebs und seine Behandlung. Arlesheim: Verein für Krebsforschung; 1953.
7. Steiner R. Physiologisch-Therapeutisches auf Grundlage der Geisteswissenschaft. Domach: Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung; 1965.
8. Ramm H. Gestalt und Entwicklung der Mistel. Iscador-Informationen. 1994; 2:10-27.
9. Suchantke A. Die Mistel und das Geheimnis ihrer Heilkraft. Jahrbuch für Goetheanismus. 2008/2009; 81-102.
10. Grohmann G. Heilpflanzen in Rudolf Steiners 'Geisteswissenschaft und Medizin'. Berlin: Salumed; 2014.
11. Urech K. Zur Botanik der Mistel. Iscador-Informationen. 1996; 5:9-12.
12. Bopp A. Die Mistel – Heilpflanze in der Krebstherapie. Zürich: Rüffer & Rub; 2009.
13. Scheffler A. Die Ähnlichkeit von Mistelbildeprozess und Krebserkrankung. In: Wilkens J. Misteltherapie. Differenzierte Anwendung der Mistel nach Wirtsbäumen. Stuttgart: Sonntag; 2006.
14. Wilkens J. Misteltherapie. Differenzierte Anwendung der Mistel nach Wirtsbäumen. Stuttgart: Sonntag; 2006.
15. Kienle GS, Kiene H. Die Mistel in der Onkologie. Stuttgart/New York: Schattauer; 2003.
16. Urech K. Mistelsubstanzen. Iscador-Informationen. 1994; 2:31-42.
17. Urech K. Polarität der konstituierenden Kräfte der Pflanzen als Grundlage pharmazeutischer Wirksamkeit der Mistel. In: Selg P, Orange M, Ramm H, Poechtrager S. Mistelforschung und Krebstherapie. Hechingen: Ita Wegman Institut; 2016.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 20/03/2017

Aceito em 05/08/2017